

# REUSO ADAPTATIVO Práticas e fragilidades a partir do interior de São Paulo

*ADAPTIVE REUSE  
Practices and frailty from the interior of São Paulo*

**Mariana Queiroz Fornari<sup>1</sup> e Amanda Saba Ruggiero<sup>2</sup>**

## Resumo

O estudo analisa o conceito de reuso adaptativo a partir do patrimônio industrial, enfatizando a preservação das dimensões sociais, culturais, históricas e simbólicas dos edifícios, além dos aspectos físicos e materiais. A utilização de terminologias variadas nos estudos sobre o reuso de edifícios dificulta a definição de um campo teórico e metodológico comum. Para compreender esse aspecto no contexto brasileiro, foram analisadas publicações recentes identificando a predominância de termos como intervenção e reuso. Ademais, foram estudados casos de reutilização de bens industriais em Itu, Salto e Porto Feliz, embora algumas intervenções mantenham aspectos originais das fábricas, muitas não contemplam adequadamente as dimensões sociais e culturais, resultando em práticas que não atendem aos princípios preservacionistas defendidos. A pesquisa destaca a importância de intervenções que valorizem a memória coletiva e o reconhecimento da comunidade local, evitando práticas que desconsiderem a integridade histórica e simbólica dos edifícios industriais.

**Palavras-chave:** patrimônio industrial, reuso adaptativo, fábricas, memória do trabalho, preservação.

## Abstract

*The study analyzes the concept of adaptive reuse concerning industrial heritage, emphasizing the preservation of buildings' social, cultural, historical, and symbolic dimensions, in addition to their physical, material, and aesthetic aspects. The use of varied terminologies in the reuse of industrial buildings complicates the establishment of a common theoretical and methodological framework. To understand this aspect within the Brazilian context, four recent publications were analyzed, identifying the predominance of general terms such as "intervention" and "reuse." Furthermore, cases of industrial property reuse in Itu, Salto, and Porto Feliz were studied. Although some interventions maintain original aspects of the factories, many do not adequately address social and cultural dimensions, resulting in practices that do not align with the advocated preservation principles. The research highlights the importance of interventions that value collective memory and local community recognition, avoiding practices that disregard the historical and symbolic integrity of industrial buildings.*

**Keywords:** industrial heritage, adaptive reuse, old industries, labor memory, preservation.

## Introdução

O reuso adaptativo emerge como um novo campo pragmático e político na década de 1970, em reação ao planejamento moderno da "tábula rasa" em resposta ao conservadorismo e ambientalismo crescente, tendo o patrimônio industrial como um de seus grandes temas propulsores (Lanz, Pendlebury, 2022). Associa-se à expansão do conceito de patrimônio, aos avanços neoliberais, a obsolescência e o desuso dos conjuntos e edifícios fabris, a necessidade de pensar funções alternativas a essas estruturas como medida de salvaguarda. Os novos usos e programas – sejam laborais, habitacionais, educacionais, culturais ou turísticos – atestaram a versatilidade do reuso desses ambientes nas paisagens urbanas do norte ao sul global e, na mesma medida, chamaram atenção para a necessidade de preservação das dimensões simbólicas e intangíveis do denominado patrimônio industrial.

Diante de perdas irreparáveis e demolições do legado industrial, é necessário discutir o reuso destes conjuntos a partir de perspectivas que asseguram as dimensões da memória operária coletiva e agonística (Halbwachs, 1990; Meneguello, 2021; Berger, Kansteiner, 2021) de maneira equitativa às dimensões físicas, materiais e estéticas. Além do mais, a ampla gama de termos como *intervenção, reuso, refuncionalização, readequação, revitalização e requalificação*, dificultam a definição de um campo comum, cuja fundamentação teórico-metodológica justifique as premissas adotadas.

A discussão de aspectos conceituais e teóricos, estruturada a partir do levantamento de pesquisas acadêmicas inicialmente selecionadas<sup>3</sup>, auxilia a compreensão dos usos e sentidos empregados em cada termo, e tem como finalidade refletir sobre a compreensão de seus limites e a pactuação por um léxico comum. Desta forma, propõe-se também, discutir aspectos da reutilização adaptativa a partir das fragilidades do campo apontadas por Lanz e Pendlebury (2022), direcionando a discussão à preservação do patrimônio industrial e a emergência do reuso adaptativo como campo disciplinar no Brasil. Ao relativizar e analisar o reuso adaptativo de alguns patrimônios industriais no interior do estado de São Paulo, evidencia-se práticas contraditórias de preservação e propõe-se pensar diante da necessidade dos novos usos, em que medida o reuso destes complexos fabris reforçam ou eliminam valores ligados à memória coletiva dos grupos que os constituíram?

## Patrimônio industrial e memória

Dentro da ampla discussão do patrimônio cultural, o interesse pela preservação do patrimônio industrial é considerado recente e se organiza como um campo de pesquisa emergente e interdisciplinar (Meneguello, 2011; Silva, 2019). Uma vez que estes se associam aos meios de produção, as implicações sobre sua preservação começaram de maneira pontual nas últimas décadas do século XVIII e século XIX e somente a partir de 1950, com os métodos e meios da arqueologia industrial, foi possível compreender com maior profundidade a relevância de seus vestígios e fundamentar metodologicamente este campo de investigação (Kuhl, 2008).

<sup>1</sup> Mestranda no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP/2024). Pesquisadora do NEC - Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas do IAU-USP e do GMP - Grupo Museu/Patrimônio USP do IAU-USP e FAU-USP. Pós-graduada em Conservação e Gestão do Patrimônio Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2024). Arquiteta e Urbanista pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2022).

<sup>2</sup> Docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo IAU USP.

<sup>3</sup> O recorte determinado para esta primeira etapa da pesquisa está concentrado nas publicações realizadas a partir de 2021, publicadas pelo TICCIH Brasil. São elas: Anais do III Congresso Nacional para Conservação do Patrimônio Industrial, Anais do IV Congresso Nacional para Conservação do Patrimônio Industrial, livro Memórias Ferroviárias e Cultura do Trabalho - Balanços teóricos e metodológicos de ativação de bens ferroviários numa perspectiva multidisciplinar - III publicado em 2022 e livro Patrimônio Industrial na atualidade - algumas questões, publicado em 2021.

Entre as décadas de 1950 e 1970, as implicações econômicas e culturais subsequentes à crise do capitalismo neoliberal reconfiguraram as paisagens urbanas com o fechamento de empresas, o abandono de complexos industriais e a transferência para outras localidades (Harvey, 2020). Em resposta, protestos civis contrários às iminentes demolições destes espaços alcançaram proporções significativas e chamaram a atenção da sociedade para a relevância dessa arquitetura (Kuhl, 2008). Embora sem êxito, alguns casos ganharam destaque diante das movimentações, como a demolição da Estação Euston e do Coal Exchange em Londres na década de 1960 e o desmanche do Mercado Central de Paris nos anos 1970 (Kuhl, 2008; 2010). Essas ações encadearam múltiplos esforços que articularam o reconhecimento e os futuros meios de preservação dos bens industriais.

Nos anos seguintes, a formação e atuação de organizações em rede dedicadas ao zelo sistemático deste legado tomam corpo, como a criação do *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* – TICCIH em 1978, principal entidade internacional relacionada a preservação do patrimônio industrial e, no mesmo ano, o reconhecimento por parte da UNESCO do primeiro bem industrial inscrito como patrimônio mundial (Meneguello, 2011).

No Brasil, o reconhecimento destes patrimônios começou de maneira incipiente por ações isoladas do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional logo após sua criação, em conjunto com o instrumento do tombamento em 1937. O levantamento feito por Dezen-Kempter (2011) revela que o primeiro tombamento de caráter industrial feito pelo IPHAN foram os vestígios da Fábrica de Ferro Patriótica de São Julião na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, em 1938, em estado de ruína. Posteriormente, o tombamento de seis engenhos na Bahia - Engenho Lagoa, Engenho Embiara, Engenho Matoim, Engenho Freguesia e Engenho São Miguel - todos tombados nos primeiros cinco anos da década de 1940<sup>4</sup>. A Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema na cidade de Iperó, São Paulo, até então considerada como tombamento pioneiro do IPHAN, foi reconhecida somente em 1964. Como apontado por Dezen-Kempter (2011), vê-se que as primeiras atuações federais voltadas à tipologia ocorreram em várias regiões do Brasil, mas de modo pontual. Tais ações marcaram o início do interesse pelo IPHAN em investigar esta tipologia, mas, de fato, não configuraram iniciativas sistemáticas voltadas à preservação do patrimônio industrial nacional (Kuhl, 2008; Rodrigues, 2010).

Diante das implicações do período, esses primeiros reconhecimentos federais ilustram a postura do órgão em promover ações de preservação cunhadas na legitimação de um passado colonial e na idealização de uma identidade nacional ainda pautada em discursos oficiais e elitizados. Esse perfil, nomeado por Fonseca (2017) como fase heroica na historiografia do Instituto, perdura até a década de 1970, quando, sobretudo após a redemocratização do país e o alargamento do conceito de patrimônio histórico para cultural (Brasil, 1988), foi possível notar o tombamento federal de bens culturais ligados a grupos antes não representados, como terreiros, ferrovias e indústrias<sup>5</sup>.

Com relação ao patrimônio industrial, o crescente interesse da população civil, acadêmica e profissional pelo campo resultou na publicação da Carta Manifesto<sup>6</sup>,

redigida em 2003 pelo até então Comitê de Preservação do Patrimônio Industrial no Brasil, em caráter provisório. No ano seguinte ocorreu a oficialização do Comitê Brasileiro para a Conservação do Patrimônio Industrial TICCIH – Brasil<sup>7</sup>, desde então, atuante no reconhecimento e conservação incessante do legado industrial nacional. Na medida em que a noção de patrimônio se ampliou e incorporou as diferentes manifestações da identidade e da memória coletiva (Halbwachs, 1990), as relações de exploração, sofrimento e luta destes grupos também foram visibilizadas. Ao dar voz a seus detentores, o reconhecimento cultural tornou-se capaz de despertar o olhar sensível e reflexivo da sociedade às memórias difíceis da história e, em sua via agonística, buscar meios de reparação e representatividade que expresem verdadeiramente suas narrativas plurais (Meneguello, Pistorello, 2021; Berger, Kansteiner, 2021).

Ao olhar para a herança da industrialização, a memória operária se mostra nos modos de vida e cotidiano de trabalho das comunidades. As cartas patrimoniais também consideram esses aspectos e descrevem seus espaços não apenas pela relevância física e estrutural de seus conjuntos e equipamentos de produção, mas também os reconhecem pelos saberes laborais e como elementos de identidade e referência na vida de seus trabalhadores (TICCIH, 2003; ICOMOS-TICCIH, 2011). Em meio ao sentimento de perda ao deparar-se com as rápidas mudanças e novos cenários econômicos e produtivos, a relação destes indivíduos com o passado transforma a memória em um “instrumento individual e coletivo de luta contra o esquecimento”, que busca resistir às destruições massivas deste legado (Ferreira, 2021, p. 113).

Compreender as questões atuais do patrimônio industrial (Kuhl, 2021) a partir de seus aspectos tangíveis e intangíveis mostra-se prerrogativa em meio a necessidade de reuso destes ambientes. Questionamentos acerca de como preservar o simbólico e a memória nestes processos de intervenção e como efetivamente proteger estes patrimônios das recorrentes ações de desmanche, nos levam à questão central: como legitimar e representar o seu passado em meio a dicotomia preservacionista do presente?

Refletir sobre a preservação do patrimônio industrial é compreendê-la em seu conjunto, considerando: práticas de inventário, ações de educação para o patrimônio, o cuidado e elaboração das documentações, formatação e aplicação de leis, tecnologia e práticas de restauro, mas sobretudo, compreendê-la a partir da importância e da necessidade do reuso destas estruturas (Kuhl, 2021). As consequências do abandono e ociosidade de construções relacionadas aos processos de produção são uma realidade à procura por diferentes soluções. Nesse sentido, ponderar a relação entre essa herança industrial e as práticas de reuso, vistas a partir do conceito de *reuso adaptativo*, discutido a seguir, incita debates sobre o campo e abre caminho para posturas projetuais mais responsáveis.

### O conceito de reuso adaptativo

A relação do reuso adaptativo com as estruturas industriais pode ser vista concomitante à primeira conceituação literária do termo. Em seu livro *Adaptive Reuse Extending the Lives of Buildings*, a autora Liliane Wong (2017) evidenciou que a primeira definição conceitual de reutilização adaptativa foi publicizada em 1973, segundo o dicionário Merriam-Webster. Pela definição, a prática associa-se “a renovação e reutilização de estruturas pré-existentes (como armazéns) para novos fins” (Merriam-Webster Dictionary, 1973, tradução livre) evidenciando o caráter utilitário da prática e aludindo

<sup>4</sup> O artigo apresenta um vasto levantamento acerca das ações do IPHAN voltadas à preservação do patrimônio industrial ao longo da historiografia do Instituto.

<sup>5</sup> Na historiografia do IPHAN, esta fase é nomeada por Fonseca (2017) como fase moderna. Os tombamentos e processos de tombamento do IPHAN podem ser acessados pela tabela disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126> acesso 21 fev 2025. A versão utilizada para este artigo está atualizada até fevereiro de 2025, conforme informações do site.

<sup>6</sup> Disponível em <https://tccihbrasil.org.br/cartas/carta-manifesto-2003/> acesso em 11 fevereiro 2025.

<sup>7</sup> Disponível em <https://tccihbrasil.org.br/o-tccih/> acesso em 11 fev 2025.

sua relação com as estruturas industriais ao referir-se aos armazéns como exemplo das estruturas pré-existentes. Poucos anos depois, Sherban Cantacuzino<sup>8</sup>, publicou a pesquisa intitulada *New Uses for Old Buildings* com estudos de casos sobre formas de reusos adaptativos de indústrias abandonadas como alternativa às demolições, sendo considerada uma das primeiras obras a versar sobre o tema relacionando-o a estes remanescentes. Essa e outras pesquisas foram apontadas por Francesca Lanz<sup>9</sup> e John Pendlebury<sup>10</sup> (2022) em seu artigo *Adaptive reuse: a critical review*. Ao analisar o campo, os autores observaram que as publicações próximas aos anos 2000 expunham o teor técnico e formalista da reutilização adaptativa e que anos depois, essa passou a ser associada a outras áreas do conhecimento e a considerar aspectos conceituais, viabilizando meios de investigação mais abrangentes.

Muitas das publicações anteriores adotam os modelos de atlas e/ou manual e visavam mapear e descrever um fenômeno emergente, ilustrando sua relevância potencial, reivindicando o potencial da reutilização adaptativa como uma esfera de design criativo e identificando ferramentas, estratégias e abordagens para instruir os profissionais. Publicações mais recentes, principalmente, mas não exclusivamente, aquelas que classificamos como monografias teóricas, são caracterizadas, no entanto, por uma vontade teórica e estão cada vez mais buscando ir além de uma abordagem pragmática e focada na prática e investigar a reutilização adaptativa de uma forma mais conceitual (Lanz; Pendlebury, 2022, s/p., tradução livre).

Ao categorizar as publicações a partir das três instâncias de análise citadas – atlas, manuais e monografias teóricas -, pesquisas sobre o reuso adaptativo de estruturas industriais foram identificadas nas categorias atlas e manuais. Além dos estudos de casos analisados por Sherban Cantacuzino em 1975 enquadrados na categoria atlas, Lanz e Pendlebury (2022) indicaram duas pesquisas na categoria manuais: a pesquisa de Peter Eley e John Worthington publicada em 1984 intitulada *Industrial Rehabilitation: The Use of Redundant Buildings for Small Enterprises* e a de Matteo Robiglio publicada em 2017 intitulada *RE-USA: 20 American Stories of Adaptive Reuse: A Toolkit for Post-Industrial Cities*. Pela análise, os três estudos aferem sobre diferentes casos de indústrias readaptadas a partir de aspectos metodológicos e funcionais, apoiados

<sup>8</sup> Sherban Cantacuzino (1928-2018), arquiteto romeno com formação inglesa, construiu uma sólida carreira nas áreas do planejamento urbano e da preservação do patrimônio cultural. Professor de história da arquitetura e autor de diversos livros como *Modern Houses of the World* (1966), *Great Modern Architecture* (1966), *New Uses for Old Buildings* (1975), *Saving Old Buildings* (1980), *Architecture In Continuity* (1985), *Re-Architecture* (1989) e *What Makes a Good Building* (1994), foi membro honorário da Royal Institute of British Architects, presidente do ICOMOS Reino Unido, secretário da Royal Fine Art Commission (RFAC) e fundador-presidente da organização *Pro Patrimonio Foundation* da Romênia. O arquiteto faleceu em fevereiro de 2018, em Londres. Fonte: Coleman, Ricardo. Sherban Cantacuzino CBE 1928-2018. The RIBAS Journal, Londres, 2018. Disponível em <https://www.ribaj.com/culture/sherban-cantacuzino-cbe-1928-2018-obituary> acesso em 05 mar 2025.

<sup>9</sup> Professora assistente no departamento de Arquitetura e Ambiente Construído da Northumbria University com mais de 15 anos em atuação docente e em pesquisas sobre arquitetura, estudos da memória, museus e patrimônio. Dedicada parte de seus interesses em investigações sobre a reutilização adaptativa de espaços que detêm memórias difíceis. Lidera o grupo de pesquisa ARCH - *Adaptive Reuse and Cultural Heritage*, dentro da rede internacional de pesquisa READ.ADAAPT.REUSE - *Reading and transforming the As Found* (2024-2029) envolvendo mais de 15 universidades europeias, financiada pelo Research Foundation Flanders (FWO). Fonte: Northumbria University. Disponível em: <https://www.northumbria.ac.uk/about-us/our-staff/l/francesca-lanz/> acesso em 05 mar 2025.

<sup>10</sup> Professor de Conservação Urbana na Escola de Arquitetura, Planejamento e Paisagem da Newcastle University. Leciona sobre a conservação do ambiente histórico e pesquisa sobre os processos de gestão do patrimônio cultural, reutilização adaptativa e aspectos sociais pertinentes a estes processos. Fonte: Newcastle University. Disponível em: <https://www.ncl.ac.uk/apl/people/profile/johnpendlebury.html> acesso em: 05 mar 2025.

em considerações da arquitetura e do design urbano que visam soluções de cunho econômico e de planejamento territorial (Lanz, Pendlebury, 2022).

A vertente expressa nesses dois tipos de materiais, de forma geral, ilustra práticas de reuso adaptativo que desconsideram outros aspectos além dos arquitetônicos e formalistas. Ao relacionar o tema às antigas fábricas e indústrias, essa visão remete a compreensões parciais e limitadas que se pautam pragmaticamente em aspectos físicos e construtivos. A partir da categoria das monografias teóricas, identificam-se interpretações e análises mais abrangentes que possibilitam meios interdisciplinares de investigação.

Ao examinar publicações recentes, Lanz e Pendlebury (2022) evidenciam novas abordagens nas pesquisas sobre reutilização adaptativa, como as de Wong (2017), Plevoets e Cleempoel (2019) e Stone (2020) que buscam conceituar e teorizar o campo a partir da correlação de diferentes áreas do conhecimento. Essa visão, não mais restrita, assimila o reuso adaptativo enquanto prática arquitetônica e delinea novos horizontes às investigações, ao ampliar o diálogo entre pesquisas históricas, antropológicas, sociais e geográficas, visando perspectivas integrativas e com enfoque ampliado para a preservação destes edifícios (Lanz, Pendlebury, 2022).

Diante dessa perspectiva teórica, os autores propõem interpretar o reuso adaptativo como um processo, capaz de articular as demandas construtivas e estruturais das mudanças de uso às relações interpessoais e históricas, preservando a identidade e a memória destes espaços.

[...] uma interpretação da reutilização adaptativa como um processo permite, por um lado, uma compreensão expandida da reutilização adaptativa, considerando suas implicações além dos aspectos arquitetônicos, bem como suas diferentes fases no tempo, incluindo pré e pós-intervenção. Por outro lado, dá tração à própria ideia de reutilização adaptativa como uma estrutura conceitual relevante para pensar os processos de transformação do ambiente construído como um ato de reapropriação e ressignificação, envolvendo a reutilização e revalorização de um lugar — e por extensão suas associações, memórias e comportamentos — que estavam inativos ou adormecidos. Tal compreensão pode expandir e enriquecer o debate sobre a reutilização adaptativa, abrindo-o para reflexões relativas a questões de memória e identidade, práticas de posse e repúdio, lembrança e esquecimento e criação de patrimônio. Ela nos permite explicar as implicações sociais, culturais e políticas das intervenções de reutilização adaptativa que permanecem inadequadamente consideradas no debate atual (Lanz, Pendlebury, 2022, s/p., tradução livre).

Ao propor essa definição cunhada em aspectos intangíveis e em manifestações da memória junto às dimensões materiais e estéticas, Lanz e Pendlebury (2022) incentivam uma interpretação do reuso adaptativo que evoca a necessidade de inclusão da comunidade local. Salientar o papel da memória coletiva em meio às implicações dos novos usos reforça que a apropriação e o reconhecimento destas comunidades são prerrogativas para efetivação destas práticas de reuso adaptativo. Sobretudo no que tange a preservação do patrimônio industrial, tais aspectos são de suma importância e precisam ser considerados para que determinadas posturas de intervenção possam ser contestadas e debatidas à luz de tais premissas. Dessa forma, debates teóricos podem influenciar práticas e ações projetuais que atuem de maneira contrária ao desmonte desse rico legado.

## Fragilidades sobre a indeterminação dos múltiplos termos

Ao abordar sobre o reuso adaptativo como campo de investigação, Lanz e Pendlebury (2022) apontam que o emprego de múltiplos termos fragiliza a consolidação do campo enquanto disciplina autônoma. Os autores colocam que as inúmeras aplicações terminológicas correlatas a reutilização adaptativa acarretam associações imprecisas e por vezes até incorretas, o que não apenas enfraquece, mas também prejudica a emergência do reuso adaptativo enquanto campo de pesquisa.

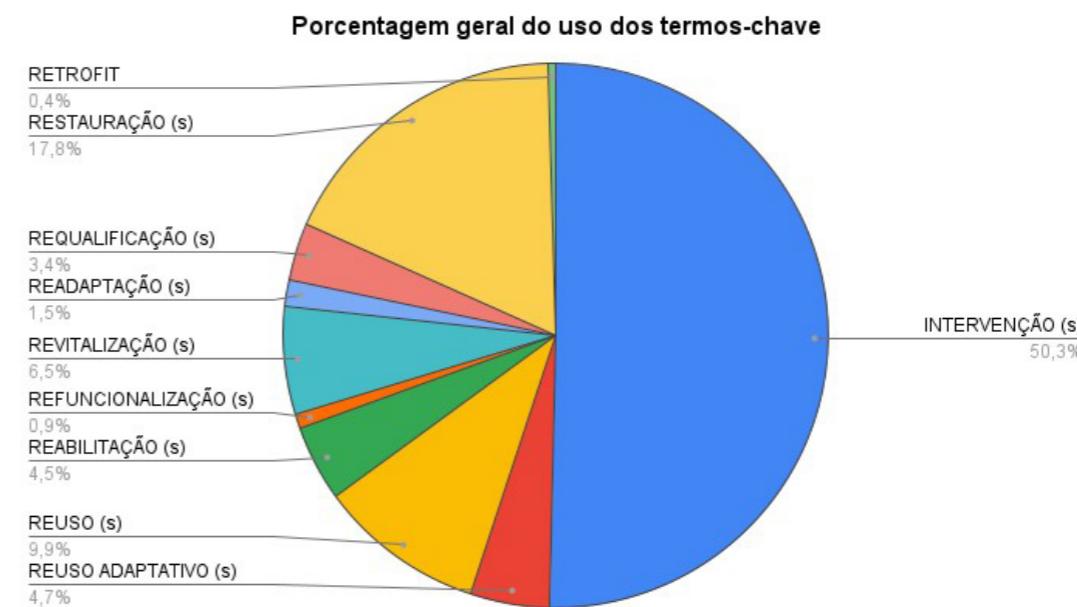
[...] a gama de termos usados para nomear o processo de “reutilização adaptativa” é extremamente ampla, incluindo remodelação, reescrita, releitura, desfazer, adaptação, reciclagem, alteração, upcycling e reativação. [...] também nos deparamos com outros termos mais comumente usados em estudos e práticas arquitetônicas mais amplas, como renovação, restauração, preservação, conservação, reparo, renovação, reforma, conversão, modernização, retrofit, reabilitação e manutenção. [...] Embora isso possa ser visto como uma tentativa contínua de definir categorias e posições analíticas críticas para o estudo e a prática de um campo ainda emergente, a abundância de termos diferentes resulta em definições díspares que enfraquecem a capacidade de estabelecer um terreno comum para o debate (Lanz; Pendlebury, 2022, s/p., tradução livre).

Em reconhecimento aos 20 anos de atuação incessante do TICCIH Brasil, propõe-se neste estudo, uma análise da produção teórica organizada e reunida pelo Comitê nos anais de eventos e publicações. Trata-se de uma investigação inicial, sobre as múltiplas terminologias empregadas e associadas ao termo *reuso adaptativo*. Buscou-se aqui, não apenas identificar, mas sim problematizar o conceito de *reuso adaptativo* no Brasil, sobretudo relativo ao patrimônio industrial, incitando debates, reflexões e práticas futuras para se efetivar a ampla salvaguarda e reconhecimento desse patrimônio.

Mediante a delimitação de dez palavras-chave, escolhidas a partir dos apontamentos de Lanz e Pendlebury (2022), fez-se um levantamento inicial, a priori quantitativo, em determinadas publicações do TICCIH Brasil. A pesquisa revelou, preliminarmente, a quantidade de vezes que os termos *intervenção*, *reuso adaptativo*, *reuso*, *reabilitação*, *refuncionalização*, *revitalização*, *readaptação*, *requalificação*, *restauração* e *retrofit*, considerando também suas variações no plural, foram empregados nos *Anais do III e IV Congressos Nacionais para Conservação do Patrimônio Industrial*, no livro *Memórias Ferroviárias e Cultura do Trabalho versão 2022* e no livro *Patrimônio Industrial na atualidade* publicado em 2021. Esses quatro materiais foram escolhidos por serem publicações recentes que abordam um quadro de pesquisas e atuação de profissionais e acadêmicos interessados no tema patrimônio industrial.

O gráfico 1 revela a porcentagem geral de uso dos dez termos nas quatro publicações previamente analisadas<sup>11</sup>. Nele, interpreta-se uma classificação por ordem de uso, que indica a utilização majoritária do termo *intervenção*, seguido pelos termos *restauração*,

<sup>11</sup> Os quantitativos consideraram o título, todo o corpo do trabalho e as notas de rodapé, desconsiderando a aparição dos termos no campo das referências bibliográficas, nas eventuais duplicadas quando inseridos nos títulos dos trabalhos - já que esses aparecem tanto no sumário como na programação geral e ao longo das páginas dos Anais - e ainda, não considera quando os termos selecionados descrevem a qualificação profissional dos autores, nem quando nomeiam grupos de pesquisa. Considerando as quatro publicações, foram analisados 123 artigos de 186 autores, sendo: 46 artigos e 68 autores dos Anais do III Congresso Nacional para Conservação do P.I.; 57 artigos e 84 autores dos Anais do IV Congresso Nacional para Conservação do P.I.; 12 artigos e 16 autores no livro Patrimônio Industrial na atualidade; 8 artigos e 18 autores no livro Memória Ferroviária e Cultura do Trabalho (2022).



*reuso*, *revitalização*, *reuso adaptativo*, *reabilitação*, *requalificação*, *readaptação*, *refuncionalização* e por último *retrofit*.

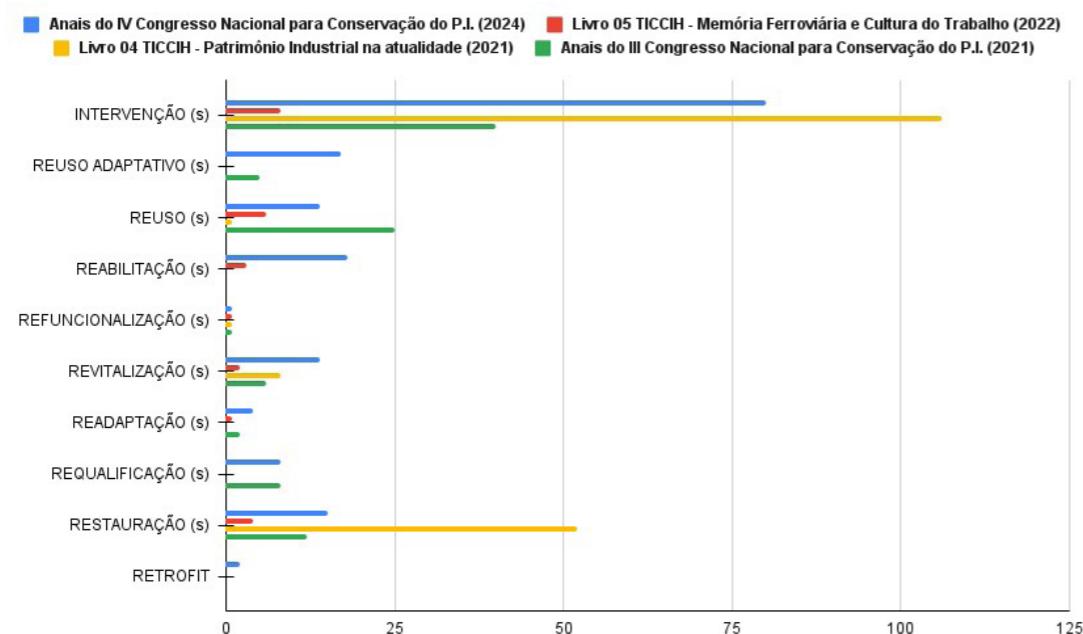
Considerando que os dez termos selecionados implicam no interesse em investigar as transformações e processos que aconteceram nestes patrimônios, é possível interpretar que a recorrência do termo *intervenção* remete-nos a uma ideia generalista, sem contornos definidos ou juízo de valor. *Intervenção* significa o ato de intervir ou participar de algo, soma-se a mesma associação à palavra *reuso*, o terceiro termo mais utilizado. Em ambos, nota-se um sentido amplo, geral, ausente de referências específicas para qualificá-los, reforçando o sentido de indeterminação.

No caso do termo *restauração*, o segundo mais utilizado, a grande maioria dos autores o associou às reflexões da autora Beatriz Kuhl em seu livro ‘Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: problemas teóricos de restauro’ e ao livro ‘Teorias da Restauração’ do autor Cesare Brandi. Há também referências às cartas patrimoniais, como a Carta de Veneza e a Carta de Burra, ambas publicadas pelo ICOMOS - International Council of Monuments and Sites respectivamente em 1964 e 1980. Para os demais termos, não observou-se a predominância de determinadas referências bibliográficas em comum. Há sim, o emprego de diferentes autores para cada caso, o que dificulta uma associação comum entre os sete termos - *revitalização*, *reuso adaptativo*, *reabilitação*, *requalificação*, *readaptação*, *refuncionalização* e *retrofit* - e sobretudo, dificulta a consolidação do reuso adaptativo como disciplina autônoma associando-o à realidade nacional, como apontou Lanz e Pendlebury (2022).

No gráfico a seguir, observa-se o uso desses termos a partir da perspectiva de cada material analisado, sendo os *Anais do III e IV Congressos Nacionais para Conservação do Patrimônio Industrial* respectivamente nas cores verde e em azul, o livro *Memórias Ferroviárias e Cultura do Trabalho versão 2022* em vermelho e o livro *Patrimônio Industrial na atualidade* publicado em 2021 em amarelo.

A partir do gráfico 2, nota-se que os três termos mais utilizados - *intervenção*, *reuso* e *restauração* - aparecem nas quatro publicações analisadas, bem como os termos *refuncionalização* e *revitalização*. O termo *readaptação* está presente em três dos quatro materiais e o termo *retrofit* foi utilizado apenas em um. *Reabilitação* foi empregado tanto nos *Anais do IV Congresso* como no livro *Memória Ferroviária* e autores no livro *Memória Ferroviária e Cultura do Trabalho* (2022).

Gráfico 1 - Porcentagem geral do uso dos termos-chave considerando as quatro publicações analisadas. Fonte: Mariana Fornari, 2025.



*Cultura do Trabalho* e os termos *requalificação* e *reuso adaptativo* foram concentrados nos Anais dos dois congressos.

Uma vez que a maioria das pesquisas apresentadas nesses eventos são investigações muitas vezes em andamento ou recém-concluídas, o uso do termo *reuso adaptativo* nesses trabalhos indica o crescimento do interesse em explorar tal campo de pesquisa. Pela análise, uma parte dessas pesquisas analisa casos de reuso adaptativo no Brasil, enquanto as outras ou versam sobre aspectos teóricos de determinados tipos de uso ou refletem sobre as teorias do campo. Nessa vertente teórica, viu-se o uso de autores como Stone (2023), Plevoets e Van Cleempoele (2019) e os próprios Lanz e Pendlebury (2022), demonstrando que as pesquisas recentes brasileiras também estão explorando o cunho conceitual e integrativo do reuso adaptativo à luz das premissas ampliadas do campo.

Entretanto, apesar do uso crescente, notou-se a ausência de referenciais bibliográficos que fundamentassem aquele conceito do reuso adaptativo em alguns trabalhos, sobretudo nos que abordaram as práticas projetuais em estudos de casos. Nessas pesquisas, o emprego do termo reuso adaptativo denota-no como uma ação de mudança de uso, da estrutura antiga para seu novo uso, aludindo às vertentes arquitetônicas e técnicas do campo, mas sem de fato considerar os aspectos sociais, antropológicos e ligados a memória coletiva ou até mesmo a comunidade local.

Apesar de ainda restrita e preliminar, as investigações acerca do emprego e utilização dos termos correlatos ao reuso adaptativo indicam um vetor em avanço no Brasil, que será melhor compreendido e estudado no decorrer das análises e desenvolvimento da pesquisa de mestrado em curso.

De um lado, constatou-se que a fragilidade em consolidar um campo disciplinar autônomo se aplica à realidade nacional, tendo em vista os vários termos empregados na literatura da área (embora seja uma análise parcial de um recorte e espaço amostral específico), e a carência de fundamentação teórica em alguns trabalhos, como apontado por Lanz e Pendlebury no seu estudo sobre as publicações em inglês do Reino Unido e Estados Unidos (2022). Como horizonte da pesquisa, no segundo momento será avaliado o sentido dos termos empregados na discussão proposta de cada trabalho, procurando dessa forma, confirmar ou refutar os termos selecionados,

e verificar se aludem a um conjunto comum de ações voltadas ao patrimônio industrial ou se qualificam-se como uma prática específica projetual ou tecnológica.

A partir dos diálogos aqui estabelecidos entre o patrimônio industrial e o conceito de reuso adaptativo, o tópico seguinte deste artigo buscou analisar alguns casos de reutilização adaptativa de bens industriais no interior do estado de São Paulo, tecendo considerações e reflexões sobre quatro estudos de caso visitados nos municípios de Salto, Itu e Porto Feliz, em 2024.

### Casos de reusos adaptativos dos bens industriais no interior de São Paulo

Tendo em vista o papel relevante do estado de São Paulo no período de industrialização do país (Saes, Nozoe, 2006), a região ao longo do rio Tietê possui uma vasta quantidade de remanescentes industriais que se expandem para além dos limites da capital paulista e que resguarda, em cada qual, a identidade de suas regiões. A fim de zelar por estes exemplares, as ações de patrimonialização do CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo voltadas ao patrimônio industrial, efetivam-se a partir de 1974 com o tombamento das ruínas do Engenho Erasmos, ampliando-se ao final da mesma década às tipologias ferroviárias e às propriamente fabris a partir de 1980 (Rodrigues, 2010). Atualmente, agrupando as categorias ferroviária, industrial e fabril, o órgão de preservação possui 79 bens protegidos, sendo 52 enquadrados como ferroviário e 27 como tipologias industriais e fabris<sup>12</sup>.

A partir de pesquisa de campo, teceu-se considerações sobre a reutilização de alguns destes remanescentes que atualmente abrigam outros usos<sup>13</sup>. Para tanto, foram visitados locais ligados à história da produção têxtil do interior do estado de São Paulo, como o antigo conjunto da Fábrica Brasital na cidade de Salto; a antiga Fábrica de Tecido Nossa Senhora Mãe dos Homens na cidade de Porto Feliz; a antiga Fábrica de Tecidos São Luiz e a antiga Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro, ambas na cidade de Itu. Esses exemplares são parte da herança industrial e possuem representação significativa da identidade local de suas cidades.

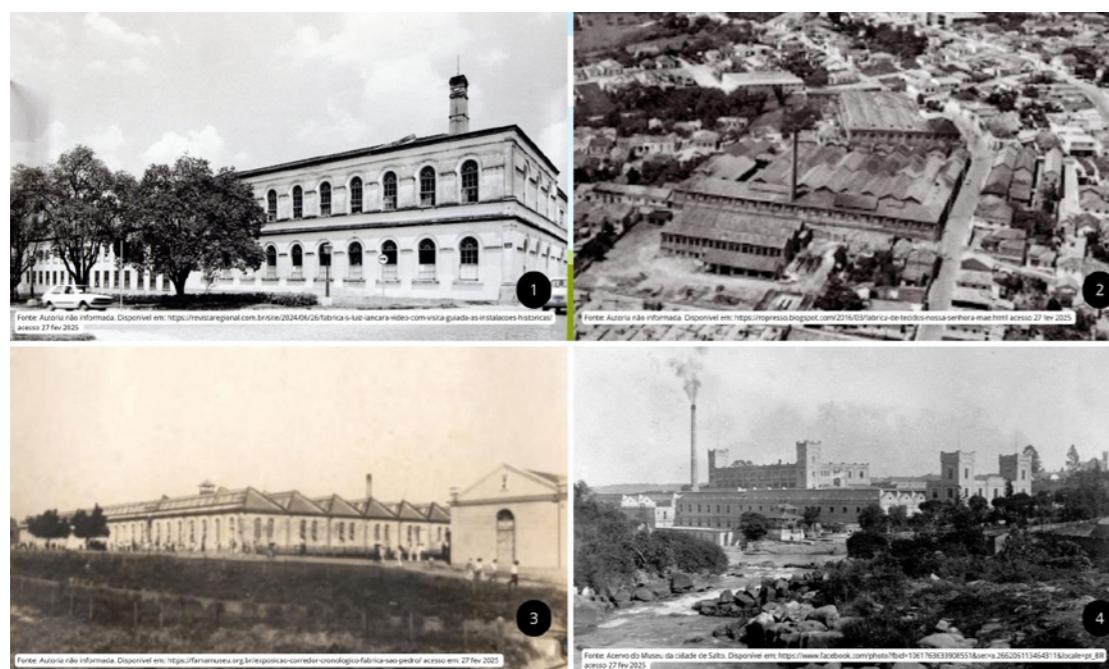
Embora nem todos sejam oficialmente reconhecidos enquanto bens culturais, ainda sim, resguardam consigo tal importância.

O exercício aqui proposto foi analisar em que medida as quatro antigas fábricas visitadas, que passaram por processos de intervenção e atualmente abrigam novos usos – educacionais, comerciais e culturais – aderem ou não ao conceito do *reuso adaptativo*, a partir das reflexões e proposições de Lanz e Pendlebury (2022). Nestes quatro exemplos, descreve-se brevemente seus históricos individuais e depois analisa-se, em conjunto, quatro aspectos essenciais do conceito de reuso adaptativo, considerando as características espaciais e a coesão dos conjuntos, os aspectos técnicos e construtivos, a referência aos grupos pertencentes àquele local – aspectos da memória coletiva e do trabalho ali realizado – e a aderência e o reconhecimento atual

12 Informações retiradas do site do CONDEPHAAT, disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/bens-protegidos-online/> acesso em 27 fevereiro 2025.

13 Os casos apontados são fruto de visitas técnicas realizadas pelo grupo de estudos sobre Patrimônio Industrial, uma das frentes de investigação do grupo de pesquisa NEC - Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas do IAU-USP, e foram realizadas no mês de maio de 2024, lideradas pelos professores Ruy Sardinha Lopes e Amanda Saba Ruggiero, acompanhados dos pesquisadores de mestrado e de iniciação científica. O grupo buscou refletir sobre as diversas possibilidades de reuso adaptativo destes patrimônios, fomentando o diálogo e a percepção crítica.

Figura 1 - Montagem com imagens antigas das quatro fábricas visitadas. 1) Fábrica São Luiz, Itu - SP; 2) Fábrica Nossa Senhora Mãe dos Homens, Ponto Feliz - SP; 3) CIA Fiação e Tecelagem São Pedro, Itu - SP; Fábrica Brasital, Salto - SP. Fonte e autoria: Nas imagens. Organização: Mariana Formari, 2025.



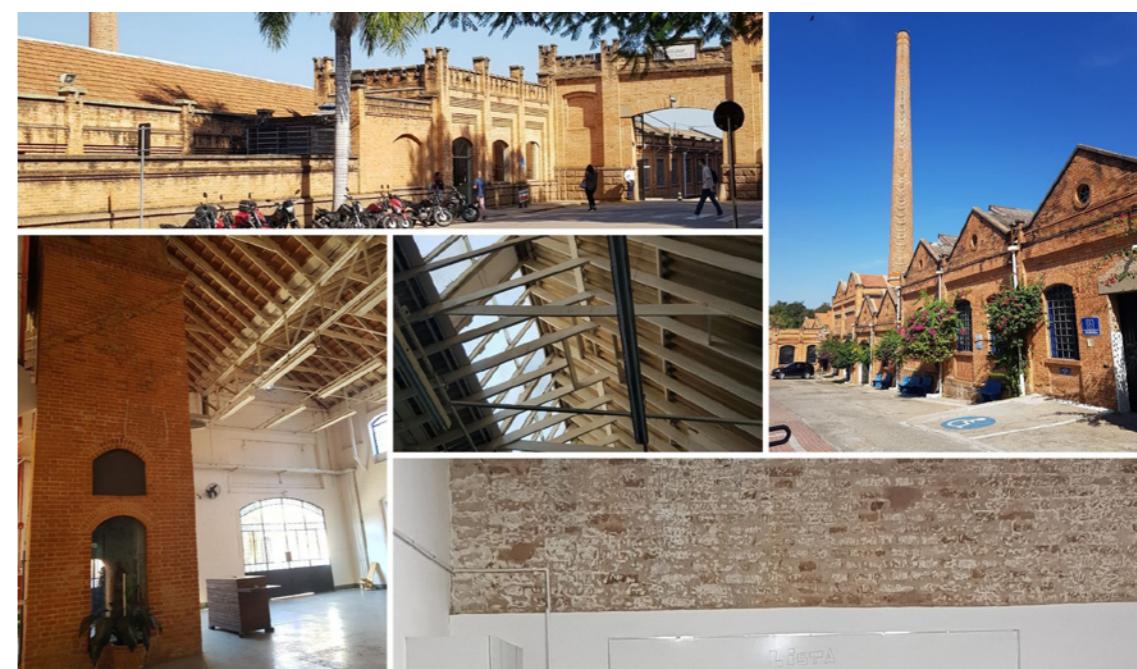
da comunidade local com estes novos programas. Dessa forma, busca-se ponderar se estes quatro processos de intervenção conciliaram suas premissas sociais, culturais e históricas às demandas econômicas e construtivas de seus novos usos.

### Antiga Fábrica Brasital

Atualmente abrigando um grande centro universitário, CEUNSP – Centro Universitário Nossa Sra. do Patrocínio, as tecelagens pioneiras de José Galvão e Barros Júnior, instaladas às margens do Rio Tietê, utilizaram turbinas hidráulicas para geração de energia e impulsionaram a urbanização da cidade de Salto com moradias e equipamentos urbanos voltados à indústria. Inicialmente, a mão de obra era composta por brasileiros com forte presença feminina e infantil, mas no final do século XIX, imigrantes italianos passaram a predominar. Após sucessivas fusões, as fábricas foram incorporadas à Fábrica de Papel Paulista, formando a Sociedade Ítalo-Americana que tornou-se a Brasital S/A em 1919. A empresa construiu vilas operárias e ofereceu infraestrutura social, com mulheres representando até 75% da força de trabalho na tecelagem (Zanoni, 2012). Em 1981, a Brasital foi adquirida pelo Grupo Santista e operou até 1995, quando a Alpargatas Santista encerrou suas atividades em Salto. A modernização da Brasital teve papel essencial no desenvolvimento urbano e na organização social da cidade (Dezen-Kempter, 2011). O conjunto da fábrica foi reconhecido como patrimônio industrial paulista e tombado pelo CONDEPHAAT em 2014, conforme resolução de tombamento n. 113 de 30/12/14 e processo n. 57118/08, disponíveis no site do Conselho Estadual<sup>14</sup>.

### Antiga Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro

A Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro foi projetada pelo arquiteto Louis Marins Amírat e inaugurada em 1911, desempenhando um papel crucial na urbanização do município de Itu. Após seu fechamento na década de 1990, o complexo foi tombado



pelo CONDEPHAAT em 2003 como parte do Centro Histórico da cidade, tendo grau de proteção 2 e exigindo a preservação de suas fachadas e coberturas (Castilho, 2023). Com o encerramento de suas atividades, o local passou pelo aluguel de alguns espaços até chegar ao seu uso atual, como o de uma academia de ginástica.

O artista plástico, empresário e colecionador Marcos Amaro inicialmente alugou um dos espaços para seu ateliê e adquiriu o complexo para instalar sua recém-formada coleção. A Fábrica de Artes Marcos Amaro abriu suas portas em 2018 no amplo espaço da antiga instalação da Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro, permitindo acesso público ao museu de arte contemporânea da cidade. Colocava-se assim um desafio para aquele complexo, a ocupação museal de 25 mil m<sup>2</sup> formado por galpões diversos, tanto em técnicas construtivas, materiais e formas. Soma-se ao desafio, os diferentes estados de conservação dos edifícios e das suas áreas externas e internas. Para a reconversão da antiga fábrica em um museu de arte contemporânea foram contratadas as empresas BOA.SP Arquitetos, Innovatore Engenharia e Kaan Arquitetura, de acordo com o site institucional do museu. Desde sua inauguração, são constantes as mudanças programáticas observadas no FAMA Museu, como a alta rotatividade no quadro das equipes que trabalham na sua gestão, até mudanças dos usos e a caracterização dos espaços (Ruggiero, Lopes, Pereira, 2024). Atualmente, além do museu, o conjunto abriga restaurante, café, atelier de artistas, espaços de galerias de arte e design e um ambiente para alocação de eventos. Foi também anunciado no final de 2024 a transferência de parte do acervo do Museu Asas de um Sonho, inicialmente formado pelos irmãos Rolim e João Amaro, instalado em 2004 na cidade de São Carlos, rebatizado de Museu da TAM<sup>15</sup>.

### Antiga Fábrica de Tecidos São Luiz

A Fábrica de Tecidos São Luiz em Itu, considerada pioneira na Província de São Paulo, foi uma grande referência para pesquisas sobre o processo histórico de constituição

14 Link: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/antiga-fabrica-de-tecidos-brasital/> acesso em 05 mar. de 2025.

15 As informações sobre o histórico do museu Asas de um Sonho bem como a sua recente transferência para a cidade de Itu estão disponíveis em: <https://museuasadumsonho.com/> acesso em 05 de mar. de 2025.

Figura 2 - Aspectos da preservação da antiga Fábrica Brasital, atual campus universitário da CEUNSP – Centro Universitário Nossa Sra. do Patrocínio. Fonte: Acervo do grupo. Autoria: Mariana Formari, 2024.

Figura 3 - Aspectos da preservação da antiga Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro, atual FAMA MUSEU – Fábrica de Artes Marcos Amaro e Centro Cultural São Pedro. Fonte: Acervo do grupo. Autoria: Mariana Fornari, 2024.



das indústrias têxteis. A empresa iniciou suas atividades em 1869 e após diversos proprietários, encerrou suas atividades em 1982. O edifício ainda conserva elementos originais e características que permitem observar testemunhos de seu funcionamento original, sendo que a fábrica também representou um modelo de empreendimento tomado como exemplo para a construção de outras com a mesma finalidade na época (Zequini, 2005). Atualmente conhecido como Espaço Fábrica São Luiz, o local se tornou um ambiente cultural e turístico, acolhendo uma variedade de eventos ao longo do ano, como feira de Antiguidades, exposição de orquídeas, bazares, celebrações natalinas e outras atividades sociais e culturais<sup>16</sup>.

A fábrica foi reconhecida pelo CONDEPHAAT em 1983 e integra o conjunto de bens industriais tombados pelo Conselho, de acordo com a resolução n. 21 de 15/12/1983 e o processo n. 22338/82<sup>17</sup>.

#### Antiga Fábrica de Tecidos Nossa Senhora Mãe dos Homens

Fundada em 1924, a fábrica de tecidos Nossa Senhora Mãe dos Homens atraiu uma série de investimentos à cidade de Porto Feliz, sendo a única do ramo no município, responsável por uma larga força de produção e um grande giro de capital que diversificou e ampliou a economia local (Leal Neves, p.76, 2019). Com o encerramento de suas atividades em 1994, o conjunto foi dividido entre diferentes proprietários e passou por distintos processos de reuso - o edifício da tecelagem abrigou o Shopping Porto Miller Boulevard desde 2014; o local da antiga fiação foi ocupado pelo Supermercado da rede Delta desde 2012 e o edifício da antiga cooperativa de trabalhadores por uso

<sup>16</sup> Estudos realizados sobre a fábrica situam sua importância histórica como em ZEQUINI, Anicleide. A fábrica de tecidos São Luiz de Itu. Itu: Museu Paulista, Universidade de São Paulo, 2004; OLIVEIRA, Rafael Fabrício. Patrimônio histórico-cultural: transformações e usos no Centro histórico de Itu-SP. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012. Enquanto as informações dos usos atuais, com breve histórico da fábrica, bem como os aspectos comerciais do uso atual, com eventos e locação. ESPAÇO FÁBRICA SÃO LUIZ. Disponível em: <https://espacofabrica.com.br/a-fabrica-sao-luiz/>. Acesso em 05 de mar. de 2025.

<sup>17</sup> Link: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/edificio-da-fabrica-de-tecidos-sao-luis/> acesso em 05 mar 2025.



institucional desde 2001, atualmente abriga a Secretaria Municipal de Saúde. Devido às intervenções sucessivas que descaracterizaram o conjunto, não enquadrando o conjunto aos critérios adotados pelo CONDEPHAAT, o processo de tombamento não procedeu e foi aplicada uma multa aos proprietários (Leal Neves, p.76, 2019).

#### Considerações sobre o reuso adaptativo nos quatro casos visitados

Ao considerar as intervenções no edifício da Fábrica de Tecidos São Luiz e no conjunto da Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro, ambos na cidade de Itu, e no conjunto da Fábrica Brasital em Salto, ainda são encontradas características e elementos que preservam o conjunto fabril original em seus aspectos espaciais, como por exemplo as entradas das fábricas e seus acessos internos, as ruas de serviço e o conjunto dos edifícios, ou seja, o ambiente e a circulação principal, que configuram as particularidades de cada complexo, para além da exclusiva preservação de suas fachadas e chaminés. Neste sentido, referente à totalidade do espaço e a força do conjunto e paisagem, encontra-se situação diametralmente oposta ao que se configurou na antiga fábrica de tecidos Nossa Senhora Mãe dos Homens na cidade de Porto Feliz. Os edifícios foram desmembrados, cada qual com seu novo uso, descaracterizando a coesão espacial e a escala da antiga fábrica, muito significativa no processo socioeconômico e na vida dos trabalhadores da cidade.

Nas três primeiras fábricas citadas, a percepção do caráter fabril está implícita em elementos estruturais e nos maquinários ainda existentes: como na Fábrica São Luiz, a disposição estrutural dos pilares nos ambientes internos, nos galpões da fábrica São Pedro a permanência de aberturas e da estrutura dos telhados, assim como na Brasital. Em geral, conservou-se as paredes originais de tijolos, ou de modo pleno ou pela visualização parcial, em meio às novas pinturas internas. No caso das antigas instalações da Fábrica Brasital, atualmente todos os edifícios abrigam as atividades do campus universitário da CEUNSP – Centro Universitário Nossa Sra. do Patrocínio. Nos edifícios da Companhia Fiação e Tecelagem São Pedro que hoje abriga o FAMA MUSEU – Fábrica de Artes Marcos Amaro e o Centro Cultural São Pedro, ainda que os usos sejam diversificados e com funções variadas, como espaços expositivos, restaurantes, ateliês e galerias de arte, a gestão pertence a um só proprietário. Embora as atividades e usos de cada galpão sejam constantemente alteradas, ainda preserva-

Figura 4 - Equipamentos da antiga Fábrica de Tecidos São Luiz, atual Espaço de Eventos São Luiz. Fonte: Acervo do grupo. Autoria: Mariana Fornari, 2024.

Figura 5 - Atuais usos do conjunto da fábrica de tecidos Nossa Senhora Mãe dos Homens – 01) Shopping Porto Miller Boulevard, 02) Supermercado Delta e 03) Secretaria Municipal de Saúde. Fonte: Acervo do grupo, autoria de Luis Matos, 2024.



se a volumetria original e aspectos espaciais da fábrica. Pode-se questionar escolhas ligadas ao restauro desses galpões, em que se perdeu de algum modo as lembranças e memórias, uma vez que seus edifícios receberam nova pintura, em alguma medida, apagando as marcas do tempo, para destacar fachadas lisas, limpas e homogêneas. O que se observa nos espaços, é a ausência de marcações e elementos que poderiam ser explorados para contar a história daqueles ambientes e recuperar as suas funções, mesmo que de modo ilustrativo, especialmente por se tratar de um museu.

No antigo conjunto da Fábrica Brasital e na antiga Fábrica de Tecidos São Luiz, atual Espaço de Eventos São Luiz, estão expostos equipamentos, ferramentas, maquinários e instalações originais ligados aos processos de produção, aspectos ressaltados na carta de Nizhy Tagil (TICCIH, 2003). Apesar de não estarem em excelentes estados de conservação, como mostrado a seguir, a presença destes elementos alude à história original dos respectivos espaços e permite algum contato e interação com o público visitante. No caso da fábrica de Salto, há também materiais gráficos e iconográficos como cartazes e informativos dispostos in loco nos edifícios do campus da CEUNSP, com informações históricas acerca da fábrica e das ocupações originais de seus edifícios. A pesquisa foi desenvolvida pela historiadora Profa. Dra. Milena Fernandes Maranho, que produziu placas com fotos e fragmentos da história da antiga fábrica e seus antigos usos nos diferentes espaços hoje utilizados pelo centro universitário. Além disso, a manutenção de parte do maquinário e da estrutura interna retoma toda a arquitetura da fábrica, seus usos, acessos e instalações, ajudando a permanência não só material, mas também da memória da indústria têxtil local.

A antiga fábrica de tecidos Nossa Senhora Mãe dos Homens na cidade de Porto Feliz, sofreu a supressão radical de elementos e características industriais, restando apenas as fachadas e a chaminé do antigo conjunto. Durante a visita, foi possível adentrar em dois dos três edifícios, o Shopping Porto Miller Boulevard e o supermercado da rede Delta. O terceiro edifício está ocupado pela Secretaria Municipal de Saúde. O uso segmentado dos espaços prejudicaram a preservação do conjunto e sua relevância, especialmente tendo em vista a escala da cidade. Tanto no Shopping Porto Miller Boulevard como no supermercado da rede Delta, as reformas executadas comprometeram aspectos construtivos e arquitetônicos, impactando diretamente na qualidade dos edifícios, na ordem dos elementos simbólicos e até na tectônica industrial. Ao suprimir elementos originais com intervenções irreversíveis, os traços



da identidade fabril foram perdidos, prejudicando não apenas elementos que remetem ao passado, mas sobretudo a paisagem urbana e naquilo que perdurará no futuro das gerações. “A perda do futuro é tão grave quanto a descaracterização do passado, pois também no futuro deve ser possível a percepção de traços históricos” (Kuhl, 2008, p. 215).

Durante a visita, observou-se também que não há qualquer menção ao antigo funcionamento da fábrica, desde os espaços urbanos, nas fachadas ou ambientes internos dos atuais edifícios. A remodelação dos espaços internos do shopping anula quaisquer elementos e referenciais arquitetônicos ao espaço fabril. Observou-se também o esvaziamento de pessoas e lojas, grande parte dos espaços comerciais estavam vazios, segmentados e inutilizados. A qualidade espacial e histórica do lugar foi suprimida em detrimento da linguagem comercial comum, plastificada, coberta por letreiros e logomarcas. Tal estado de esvaziamento pode-se somar a gestão ineficiente do negócio, mas certamente o não reconhecimento da comunidade local e o apagamento rudimentar da memória do lugar, são fatores relevantes para o recente insucesso do empreendimento.

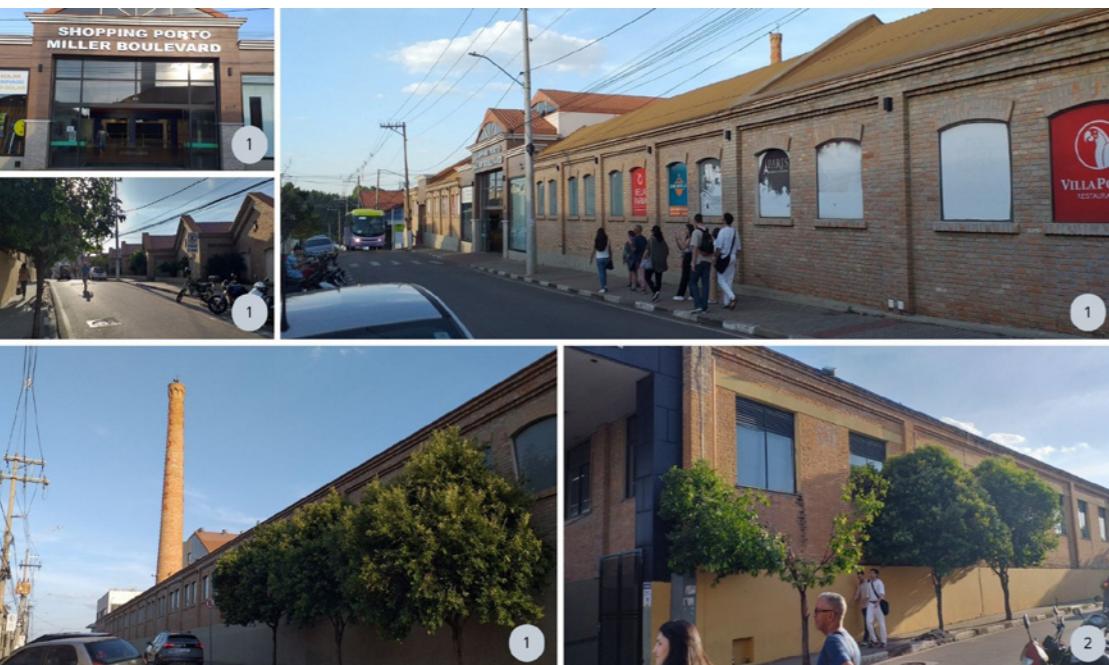
### Considerações finais

O presente estudo procurou debater o conceito de *reuso adaptativo* a partir da definição cunhada por Lanz e Pendlebury (2022), definido como um processo capaz de assegurar as dimensões sociais, culturais, históricas e simbólicas de maneira equivalente aos seus aspectos físicos, materiais e estéticos. Conforme os mesmos autores apontam, a fragilidade do emprego de terminologias variadas associadas ao reuso adaptativo dos edifícios industriais, dificultam a definição de um campo comum de fundamentação teórica e metodológica tanto para os estudos acadêmicos quanto para as práticas projetuais.

A preservação do patrimônio industrial no Brasil é um campo de estudo relativamente recente, emergindo de forma mais estruturada a partir da década de 1970, com reconhecimento ampliado após a redemocratização do país com o conceito de patrimônio cultural na Constituição de 1988. A criação do Comitê Brasileiro para a Conservação do Patrimônio Industrial em 2004 e a publicação da Carta Manifesto em

Figura 6 - Antigo equipamento de produção da fábrica Brasil, exposto no espaço do campus universitário da CEUNSP – Centro Universitário Nossa Senhora da Patrícia, e placas informativas com a história do edifício nos atuais blocos universitários. Fonte: Mariana Fornari, 2024.

Figura 7 - Atuais usos do conjunto da fábrica de tecidos Nossa Senhora Mãe dos Homens – 01) Shopping Porto Miller Boulevard e 02) Supermercado Delta. Fonte: Acervo do grupo, autoria de Luis Matos, 2024.



2003 refletem o crescente interesse acadêmico e profissional na preservação desse legado. Com objetivo de compreender este aspecto no contexto brasileiro, o recorte estudado vinculado ao reuso do patrimônio industrial, elegeu quatro publicações recentes organizadas pelo TICCIH Brasil, a fim de apontar, nesta primeira fase da pesquisa, o emprego de termos e palavras que se referem às mudanças de uso dos antigos complexos industriais. Os gráficos 01 e 02 mostram a incidência dos termos e elucidam sobretudo a ampla opção por termos mais generalistas, como *intervenção* e *reuso*.

Ao dar ênfase à memória coletiva e ao reconhecimento da comunidade local nos processos de reuso adaptativo, seu emprego de forma pragmática e tecnicista denota contradições em relação às ações de salvaguarda, sobretudo nos casos voltados à preservação do patrimônio industrial. Neste sentido, este estudo procurou também debater quatro casos de reutilização de bens industriais em três cidades do interior paulista a partir de observações em campo que evidenciaram diferentes resultados. Ao ponderar as intervenções nas fábricas das cidades de Itu, Salto e Porto Feliz a luz do conceito de reuso adaptativo como um processo, diante de considerações sobre seus aspectos espaciais, técnico-construtivos, pertencentes à memória coletiva e ao reconhecimento dos novos programas por parte da comunidade local, observou-se que os projetos não concordam e não cumprem com as práticas preservacionistas aqui defendidas.

Como descrito acima, identificou-se problemas de preservação e particularidades assertivas em cada caso. Com relação ao conjunto da Companhia de Fiação e Tecelagem São Pedro em Itu, a manutenção de seus aspectos fabris mediante a conservação do conjunto não foram suficientes para englobar em seu restauro, os aspectos sociais ligados à memória operária, ainda presente na comunidade local. Os atuais usos do espaço - embora pertencentes a um único proprietário, mas que se configuram por diferentes programas - não exploraram os vínculos culturais e simbólicos intrínsecos aos materiais e as estruturas de seus edifícios, ainda considerando seu programa enquanto museu e centro cultural. A presença da história e da memória da comunidade e da fábrica carece de proposições efetivas e expressivas, que de fato manifestem ações concretas de reativação da memória da antiga Companhia.



A antiga Fábrica de Tecidos São Luiz adota proposição menos intervencionista. Ao manter aspectos construtivos, as ferramentas, maquinários e equipamentos do uso original, permitem a coexistência de usos contemporâneos no antigo espaço e resguardam a essência fabril em meio às novas demandas. Além do mais, o seu uso como Centro Cultural abriga ações para a comunidade com programações variadas e alude a um sentido mais amplo de pertencimento da comunidade local, permitindo a apropriação do espaço e a criação de novos vínculos afetivos, aproximando-se do conceito de reuso adaptativo. Em contrapartida, a reutilização da fábrica Nossa Senhora Mãe dos Homens mostrou-se com a maior descaracterização em meio aos demais. Além da fragmentação da unidade fabril, as modificações executadas lesionaram os aspectos construtivos e arquitetônicos dos edifícios, que reverberam no apagamento de seus aspectos intangíveis.

Em síntese, nos quatro estudos de caso analisados, foi possível observar diferentes intervenções nas fábricas das cidades de Itu e de Salto, quando comparadas à fábrica de Porto Feliz. Ao manter aspectos originais para além de suas fachadas e chaminés, tanto a fábrica Brasital como a fábrica de Tecidos São Luiz e a CIA Fiação e Tecelagem São Pedro, preservam aspectos originais em meio aos novos usos. Ainda que insuficiente, os vestígios preservados como os maquinários e as características construtivas aludem aos usos originais em meio às novas intervenções e permitem o contato do público. Tal postura não configura o ideal da preservação, mas se mostra menos intervencionista do que as executadas na fábrica têxtil de Porto Feliz. Portanto, diante da preponderância dos interesses econômicos e monetários dos novos usos, o “ato de desventrar, de estripar e desossar” estas estruturas antigas é, também, problematizado por Beatriz Kuhl (2008, p. 215) como a prática fachadista dessas intervenções.

Valorizar apenas parte do edifício e negar significado às outras compromete violentamente a realidade da obra; além da perda intensa e facilmente demonstrável de substância material, existe a privação de experiências com os monumentos, pois já carência crescente de bens autênticos em função dos desventramentos fachadistas. [...]. Se não se preserva o edifício como um todo, interior e exterior, que não são coisas desconexas, perde-se tudo isso. Destroem-se dados históricos relevantes e deixa-se a obra esvaziada de sua capacidade

Figura 8 - Ambientes internos – 01) Shopping Porto Miller Boulevard, 02) Supermercado Delta. Fonte: Acervo do grupo, autoria de Luis Matos, 2024.

de funcionar como efetivo suporte material do conhecimento e da memória (Kuhl, 2008, p. 216-217).

A fábrica Nossa Senhora Mãe dos Homens é representativa da prática fachadista e mercadológica, que não apenas buscou eliminar os traços fabris que remetem aos processos de produção, mas que sobrepuçaram os interesses capitalistas às premissas sociais, culturais e identitárias que estes espaços simbolizam à comunidade. Nomeadas equivocadamente como “obras de restauração” no site do empreendimento<sup>18</sup>, as intervenções executadas suprimiram o valor representativo deste remanescente e, como dito acima, interromperam o processo de tombamento da antiga fábrica.

No entanto, a prática de reuso adaptativo desses espaços ainda enfrenta desafios, especialmente no que tange à preservação das dimensões simbólicas e intangíveis associadas à memória operária e coletiva. É crucial que as intervenções nesses patrimônios considerem não apenas os aspectos físicos e estéticos, mas também valorizem a identidade e a história das comunidades que os constituíram, evitando práticas que desconsiderem a integridade histórica e simbólica desses edifícios. Essa perspectiva interdisciplinar incentiva a inclusão das comunidades locais nos processos de reutilização, valorizando a memória coletiva e promovendo intervenções mais responsáveis e sustentáveis. Ainda assim, persiste a pergunta: seria a arquitetura capaz de manter o estranhamento, as dores e emoções daquele passado que ainda transpira pelas paredes e janelas, em sua imensa carga simbólica, afetiva, social e econômica, para a comunidade local?

#### Agradecimentos

Agradecimentos ao grupo de pesquisa sobre patrimônio industrial do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas do IAU-USP, em especial, ao colega pesquisador Luis Matos pelas imagens compartilhadas.

As autoras agradecem a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo apoio financeiro concedido na forma de bolsa de mestrado para a realização deste trabalho.

#### Referências

BERGER, Stefan; KANSTEINER, Wulf;. Agonism and Memory. In: Berger, Stefan; Kansteiner, Wulf (Hrsg.): *Agonistic Memory and the Legacy of 20th Century Wars in Europe*, Palgrave Macmillan Memory Studies, Cham – Switzerland, 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*. Brasília: Presidência da República, [2020]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) acesso em 21 fev 2025.

CASTILHO, Emerson. Entrevista com Museólogo Emerson Castilho. Entrevista concedida a Michele Tavares. FAMA Museu - Fábrica de Artes Marcos Amaro. 2023. Disponível em: <https://famamuseu.org.br/entrevista-com-museologo-emerson-castilho/>. Acesso em: 05 mar 2025.

DEZEN-KEMPTER, Eloisa. O lugar da indústria no patrimônio cultural. *Labor & Engenho*, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 107–125, 2011. DOI: 10.20396/lobore.v5i1.111. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/111>. Acesso em: 21 fev. 2025.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. O último apito: patrimônio industrial, memória e esquecimento. In: *Patrimônio industrial na atualidade* / Cristina Meneguello; Eduardo Romero; Silvio Oksman (org.).- São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 95-115, 2021.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo: Trajetória da Política Federal de Preservação no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, [S. I.], v. 7, n. 1, p. 17, 2005. DOI: 10.22296/2317-1529.2005v7n1p17. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/134>. Acesso em: 5 mar. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HARVEY, David. O processo urbano no capitalismo: um arcabouço para análise. In: *Os sentidos do mundo: textos essenciais*. São Paulo: Boitempo, 2020.

ICOMOS - International Council of Monuments and Sites; TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. *Princípios conjuntos do ICOMOS---TICCIH para a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Património Industrial: “Os Princípios de Dublin”*. Aprovados na 17.<sup>a</sup> Assembleia Geral do ICOMOS em 28 de novembro de 2011. Tradução: Associação Portuguesa para o Património Industrial.

KUHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos do restauro*. Cotia: Ateliê Editorial. 2008.

KUHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. São Paulo, 2010. p. online. *Arq. urb Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 3, p. on line, 2010. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/115>. Acesso em: 19 fev. 2025.

KUHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial na atualidade: algumas questões. In: *Patrimônio industrial na atualidade* / Cristina Meneguello; Eduardo Romero; Silvio Oksman (org.). - São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 13-37, 2021.

LANZ, Francesca. PENDLEBURY, John. Adaptive reuse: a critical review. In: *The Journal of Architecture*, v. 27, p. 441-462, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13602365.2022.2105381#d1e140> acesso em: 20 jan. 2025.

MENEGUELLO, Cristina. Espaços do trabalho, lugares do trabalhador. In: *Patrimônio industrial na atualidade* / Cristina Meneguello; Eduardo Romero; Silvio Oksman (org.). - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, p. 91-93.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. In. *Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC; ANPUH; PPGH, p. 1819-1834. 2011.

18 Texto disponível em: <http://www.portomillerboulevard.com.br/osshopping.asp> acesso em 28 fev 2025.

MENEGUELLO, Cristina. PISTORELLO, Daniela. Patrimônios difíceis e ensino de História: uma complexa interação. *Revista História Hoje*, vol. 10, n. 19, p. 4-11, 2021.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY [1973]. Adaptive Reuse - Definition & Meaning. Merriam - Webster. Springfield, 2025. Online. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/adaptive%20reuse> acesso em: 05 mar. 2025.

LEAL NEVES, Deborah Regina. Tecendo a história de São Paulo: tecelagens como patrimônio cultural. arq.urb, [S. I.], n. 26, p. 61–79, 2019. DOI: 10.37916/arq.urb.vi26.27. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/27>. Acesso em: 5 mar. 2025.

PLEVOETS, Bie. CLEEMPOEL, Koenraad Van. *Adaptive Reuse of the Built Heritage Concepts and Cases of an Emerging Discipline*. Routledge, Londres. 2019.

RUGGIERO, Amanda Saba. LOPES, Ruy Sardinha. PEREIRA, Vinicius Ribeiro. Da fábrica de tecidos à fábrica de arte: uso do patrimônio industrial em Itu-SP. *Arqueologia industrial*, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 03-20, outono-inverno, 2024.

SAES, Flávio. NOZOE, Nelson. INDÚSTRIA PAULISTA DA CRISE DE 1929 AO PLANO DE METAS. In: *Anais do XXXIV Encontro Nacional de Economia*. Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia, 2006. Disponível em: <https://econpapers.repec.org/paper/anpen2006/5.htm> acesso em 29 jan. 2025.

SILVA, Ronaldo André Rodrigues da. O patrimônio industrial no Brasil no século XXI: um estudo bibliométrico do estado da arte. *Labor & Engenho*, Campinas, SP, v. 13, p. 1-13, 2019. DOI: 10.20396/labore.v13i0.8655823. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8655823>. Acesso em: 24 jan. 2025.

STONE, Sally. *Undoing Buildings: Adaptive Reuse and Cultural Memory*. Routledge, Londres. 2020.

STONE, Sally. *Notes towards a Definition of Adaptive Reuse*. Architecture 2023, 3, 477–489. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/architecture3030026>. Acesso em: 25 fev 2025.

TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL. Aprovada em 17 de julho de 2003. Disponível em: <https://tccihbrasil.org.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/>. Acesso em 28 jan. 2025.

ZANONI, Elton Frias. *Leituras da cidade: História e memória de Salto*. Guarulhos/SP: Editora Espaço Idea. 1ª ed. 2012.

ZEQUINI, Anicleide. *A fábrica de tecidos São Luiz de Itu*. Itu: Museu Paulista, Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: [http://www.itu.com.br/columnistas/artigo.asp?cod\\_conteudo=6891](http://www.itu.com.br/columnistas/artigo.asp?cod_conteudo=6891). Acesso em: 28 jul. 2024.

WONG, Liliane. *Adaptive Reuse: Extending the Lives of Buildings*. Birkhauser, Basel. 2017.